

Aquisição de automotoras híbridas (a gasóleo e elétricas) só agora obteve visto do Tribunal de Contas

Ligação ferroviária direta entre Beja e Lisboa “empurrada” para 2026

Eletrificação da linha prevista para 2027. Estudo técnico deverá ficar concluído este ano

9

Semanário
Regionalista
Independente

Diário do Alentejo

Sexta-feira
15 OUTUBRO 2021
Diretor: Luís Godinho
Ano XC, N.º 2060 (II Série)
Preço: € 1,00

TURISMO Registo de novos alojamentos locais no Baixo Alentejo acima dos números pré-pandemia | 10/11

LIVROS O Alentejo de Mário de Carvalho. Escritor publica “De maneira que é claro...”, autobiografia fragmentária | 28

arqueologia

MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES. Perfil da arqueóloga que há mais de 20 anos desvenda a Beja romana | 4/5

OFERTA FORMATIVA
2021/2022

17 CTESP / 16 LICENCIATURAS
15 MESTRADOS / 4 PÓS-GRADUAÇÕES



IPBeja
INSTITUTO POLITÉCNICO
DE BEJA

ESCOLA SUPERIOR **AGRÁRIA**
ESCOLA SUPERIOR DE **EDUCAÇÃO**
ESCOLA SUPERIOR DE **SAÚDE**
ESCOLA SUPERIOR DE **TECNOLOGIA E GESTÃO**

IPBEJA, O TEU SONHO, O TEU FUTURO! WWW.IPBEJA.PT

PERFIL

O curso de História variante de Arqueologia trouxe-a ao Alentejo logo no final do primeiro ano. Voltou nos verões seguintes às escavações de São Cucufate, vindo, mais tarde, a ser a primeira arqueóloga municipal na Vidigueira. Deixou o território à procura de especialização e quando regressou foi para ficar. Doutorada com a dissertação “A Cidade Romana de Beja. Percursos e debates acerca de Pax Julia”, Maria da Conceição Lopes vem realizando escavações arqueológicas na capital de distrito há vários anos e trazendo para a luz do dia importantes achados. Diz sentir-se culturalmente alentejana.

Docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, investigadora e coordenadora do Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (Ceaacp), Maria da Conceição Lopes vem realizando escavações arqueológicas e trabalhos científicos no Baixo Alentejo há cerca de três décadas. Nomeadamente em Beja e na Vidigueira, entre outros locais em Portugal, e no estrangeiro. A experiência no território baixo-alentejano começou ainda como aluna universitária do 1.º ano do curso de História, variante Arqueologia. Anos mais tarde, em 2000, doutorou-se com a dissertação “A Cidade Romana de Beja. Percursos e debates acerca de Pax Julia”.

Na capital de distrito, metendo as “mãos na massa”, com pás, picaretas, pincéis, e fitas métricas, a única forma que entende verdadeiramente a arqueologia, e coordenando equipas, a investigadora tem trazido para a luz do dia importantes achados. O ano de 2008 ficou marcado pela descoberta de um templo imperial e de um edifício da praça central da antiga Pax

Julia, “confirmando e testemunhando” a importância da cidade no período romano.

Segundo a arqueóloga, trata-se de “importantes” edificações “do fórum da cidade romana. Isto é, da praça central “onde se situavam os edifícios dos poderes político-administrativos, judicial e religioso”. Explicava na altura que o templo, datado do século I ou princípio do século II d.C., teria sido identificado em 1939 pelo arqueólogo Abel Viana, mas os vestígios haviam sido tapados.

Conceição Lopes decidiu investigar, avançando com a escavação no local. Mais tarde, em 2012, a equipa de arqueólogos que liderava descobriria o fórum romano de Beja, que se diz muitos investigadores terem procurado ao longo de séculos, num quarteirão paralelo à Praça da República. Defendeu que era mais uma prova de que Beja tinha tido “várias cidades”. Na campanha arqueológica de 2012, em agosto, o aparecimento de várias moedas em cobre, a fundição e a oficina onde eram cunhadas junto às ruínas do Fórum romano levava também à descoberta da Casa da Moeda,



do século XVI. A arqueóloga liderava mais uma vez a equipa de investigadores.

DA ALDEIA PARA A CIDADE Maria da Conceição Lopes nasceu no meio de um inverno na aldeia de Piódão, no distrito de Coimbra, onde viveu até terminar a escola primária, aos 10 anos. Teve “uma infância muito feliz”, apesar do percalço de uma perna partida quando tinha apenas três anos.

“Éramos muito felizes, tínhamos boas condições de vida. O meu pai tinha um carro, a gente podia sair. E a minha mãe tinha aquilo que se chamava uma venda, que era um local absolutamente fantástico onde se vendia literalmente tudo. Depois era onde chegava o correio, onde estava o telefone público”, conta.

Com a perna engessada, ficou perto da progenitora praticamente um ano inteiro, privilegiando do

ambiente que a venda oferecia: funcionava como a praça de uma aldeia, de onde se partia e chegava também com notícias. Terá sido uma atmosfera inspiradora para a futura arqueóloga. Ali aprendeu a ler muito cedo. E a escrever no “livrinho do dever e haver” das clientes que compravam fiado. Também adquiriu destreza na arte de fazer contas “porque tinha que saber quanto custava meio litro de petróleo ou 250

Há mais que duas décadas que Maria da Conceição Lopes desvenda a Beja romana

arqueóloga



Está a voltar à praça da República o carácter comercial que ela sempre teve, desde que D. Manuel a construiu. De um lado e do outro existem lojas que vendem produtos paquistaneses e indianos, que são de pessoas que vieram dessas regiões. É o mundo a mudar. É aquilo que a gente encontra nas escavações e agora está a ver com os nossos olhos”.



ARQUEOLOGIA SOCIAL INCLUSIVA NUMA EXPOSIÇÃO EM BEJA

Maria da Conceição Lopes pretende concretizar o próximo projeto arqueológico em Beja. “É fazer uma grande exposição de todos os cacos que saíram da escavação” na praça da República, “para que todos a possam ver”, e para que as pessoas mais idosas lhe “contem histórias” sobre esses fragmentos. Ou seja, “para que se possa fazer uma memória dos cacos a partir da observação das pessoas que, teoricamente, não têm experiência para interpretá-los”. Diz que a ideia é “construir conhecimento, fazer com que as pessoas cheguem à ciência através das histórias” que lhe contam sobre as peças recolhidas. “É um projeto de arqueologia cidadã, portanto de arqueologia social inclusiva, de pôr a população a participar ativamente na construção do conhecimento, a partir de dados arqueológicos”, conclui. A ideia inicial era ter levado os habitantes da cidade à escavação, envolvendo-os nos trabalhos com a equipa de investigadores, o que também passaria pela interpretação dos achados no terreno. Não ter conseguido, deixou-lhe uma “mágoa profunda”, que tentará superar com este projeto ou sonho de uma exposição com características tão particulares.

professora da Universidade de Coimbra e foi a escolhida.

De regresso “a casa”, mantém a ligação ao Baixo Alentejo, que permanece como objeto de estudo, desta vez escolhendo a cidade de Pax Julia como tema de investigação de doutoramento. Desde que começou a pesquisar para a tese “nunca mais” saiu do território, articulando a docência em Coimbra, a investigação e as escavações entre a rua dos Escudeiros, a rua da Moeda e a praça da República.

Ao longo destes anos herdou o sotaque alentejano, fala a maior parte do tempo utilizando o gerúndio, usa expressões típicas da região e não resiste à gastronomia tradicional. Há quem esteja convencido que é alentejana. E Conceição Lopes assume-se, culturalmente, como tal.

A SEGUNDA GRANDE CIDADE DA LUSITÂNIA

Tendo como especialidade a arqueologia das cidades ou, como precisa, “as paisagens históricas urbanas e os seus territórios envolventes”, Maria da Conceição Lopes tem-se debruçado particularmente sobre o romano. “Embora em Beja se revelem riquezas de outros períodos como o pré-romano, o islâmico e o medieval”, também objetos de investigação.

Durante o período romano, a grandeza de Beja era inquestionável. “Pax Julia era a segunda cidade mais importante da Lusitânia, a seguir a Mérida”, sendo “desde logo uma colónia”, ou seja, tinha um estatuto superior às que eram apenas municípios. Apesar de se tratar de uma cidade do interior, “tinha uma cidade portuária por excelência, que era Mértola, com condições fantásticas onde chegavam os barcos com os produtos vindos do mediterrâneo”, mas onde não era fácil arranjar um “mercado de distribuição, até porque não passavam muitas vias por lá”.

Os produtos eram então encaminhados para Beja “que fica na encruzilhada de rotas, a meio caminho entre o Sado e o Guadiana”. Assim, a atual capital de distrito “recebia os produtos que vinham do Mediterrâneo pelo porto de Mértola, e os que chegavam do Atlântico através de Alcácer do Sal e também de Sines”.

Conta Conceição Lopes que as duas cidades, Beja e Mértola, “praticamente perdem importância quando o porto de Mértola perde importância”, acrescentando que a interioridade que hoje caracteriza Beja não existia sequer no século XVI.

NO TERRENO, A MEXER A TERRA Sobre a gradual perda de importância do

território, responde que a questão “exigiria uma reflexão aprofundada” feita em conjunto por historiadores, políticos, sociólogos e “atores sociais” que têm interesse na cidade. Para ela, enquanto “arqueóloga, historiadora, e um pouco antropóloga”, neste momento Beja é extraordinariamente interessante enquanto caso de estudo. “Há gente a chegar de longe, que não conhece minimamente a cultura, a trazer outras formas de vida, hábitos alimentares e formas de habitar”. Menciona as casas tradicionais que modificam o espaço para acolher quem chega de fora, e que este movimento de pessoas, “por sua vez, já deu origem” à abertura de lojas com um tipo de oferta que não existia.

“Está a voltar à praça da República o carácter comercial que ela sempre teve, desde que D. Manuel a construiu. De um lado e do outro existem lojas que vendem produtos paquistaneses e indianos, que são de pessoas que vieram dessas regiões. É o mundo a mudar. É aquilo que a gente encontra nas escavações e agora está a ver com os nossos olhos”, sublinha.

Em vésperas de partir para o Iraque – onde uma equipa de cientistas do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (Ceaacp) da Universidade de Coimbra, liderada por ela e pelo também arqueólogo André Tomé, está a realizar uma nova campanha arqueológica no âmbito do Projeto Arqueológico de Kani Shaie, Maria da Conceição Lopes confirma o seu gosto por participar ativamente nos trabalhos de investigação no terreno: escavar, “mexer” na terra. “Ainda recentemente alguém me disse que eu pensava que tinha 20 anos”, conta. “O historiador lê o documento. A nossa [do arqueólogo] leitura do documento é retirar a terra para limpar, olhar, observar e interpretar”, acrescenta, explicando que, ao deixar esse trabalho por “mãos alheias”, corre-se o risco de se perder alguma “letra”.

Admite também que seria “incapaz” de fazer “arqueologia preventiva ou de contrato”, a também chamada arqueologia comercial: “Ficar em pé a ver pessoas a abrir buracos, andar na arqueologia a acompanhar máquinas...”. Por isso, prossegue a escavar e a ler os “documentos do arqueólogo”, em Portugal e no mundo. Por estes dias no Curdistão iraquiano, num futuro próximo de regresso à praça da República, em Beja. Depois, noutro projeto que decida abraçar.

gramas de açúcar”.

Por causa dos problemas de saúde que teve durante algum tempo, associados à perna que tinha partido, e para ter uma assistência médica mais próxima, os pais acharam por bem que se mudasse para a zona metropolitana de Lisboa. Ficou em casa da madrinha, na Margem Sul, fazendo boa parte do liceu em Almada. Quando o 25 de Abril aconteceu, trazendo a esperança e a liberdade, era lá que se encontrava. “Foi maravilhoso, um momento de aprender imenso”, recorda.

Em 1977 regressou a Coimbra, para fazer “o que então se chamava o 7.º ano”. Por essa altura o sonho de uma formação académica e futura profissão estava no cinema: o mundo da realização, dos documentários, das estórias com imagem. Explica: “Sempre gostei muito de ler, sobretudo livros relacionados com a História antiga. E achava que estas coisas da História antiga se relacionavam muito com o cinema, com as paisagens que se podem desenvolver no cinema”.

COMO NASCE UMA ARQUEÓLOGA Quis o acaso que o seu futuro fosse diferente, no momento em que se candidatava à Universidade. “Quando ia preencher os papéis, verifiquei que nesse ano ia abrir em Coimbra, pela primeira vez, um curso de História variante Arqueologia. E pensei ‘aí está o curso que eu quero’. Foi uma oportunidade que me apareceu no papel”. Nunca teve dúvidas que tinha feito a escolha certa. Até porque cruzou-se com professores absolutamente inspiradores, como os arqueólogos José da Encarnação e Jorge Alarcão, sublinha, não lhes poupando elogios e reconhecimento. Recorda que as aulas de ambos eram um “verdadeiro prazer”, que os docentes ensinavam muito além do curso “em si mesmo”, e que muitos alunos que entraram com intenção de, mais tarde, mudarem de curso, não o fizeram. Foram os primeiros licenciados em Arqueologia do País.

O início da relação estreita com o Alentejo aconteceu no final do primeiro ano do curso, depois de

ter o “primeiro embate com o professor Alarcão” ao reivindicar lugares para os alunos de arqueologia na escavação de São Cucufate. Venceu o argumento do docente de que, “por não haver lugares, iam só os professores” para a estação arqueológica e, desde então, e até ao último ano do curso, Maria da Conceição Lopes e os colegas passaram a integrar a equipa de arqueologia das campanhas de verão na vila romana de Vila de Frades. Quando terminou a licenciatura ficou na Vidigueira como arqueóloga municipal durante um ano – foi primeira no País – ocupando um lugar aberto pelo então presidente da Câmara Municipal, Carlos Góis, autarca que recorda com admiração.

Seguiu-se França, onde viveu dois anos. Aí fez uma especialização em cerâmica romana e escreveu a tese de mestrado “sobre uma grande coleção de cerâmica que Fernando Nunes Ribeiro tinha recolhido na Herdade Represas, em Beja, e oferecido ao museu da cidade”. Enquanto por lá estava, concorreu a um lugar de